

Carla Cristina da Silva



**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA ESTADUAL
“MACIONILIA MONTIJO” BAMBUÍ-MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Carla Cristina da Silva

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA ESTADUAL
“MACIONILIA MONTIJO” BAMBUÍ-MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Silva, Carla Cristina da, 1990-

A importância do ensino de artes visuais na Escola Estadual “Macionília Montijo” BAMBUÍ-MG: Especialização em Ensino de Artes Visuais/ Carla Cristina da Silva. – 2015.

33f.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Alvarenga, Antônia Dolores Belico Soares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA ESTADUAL “MACIONILIA MONTIJO” BAMBUÍ-MG*, de autoria de Carla Cristina da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga - Orientadora

Geraldo Freire Loyola - Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV – PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus pelo dom da vida e pela proteção em todos os momentos difíceis.

À minha mãe por seu amor incondicional, meu noivo por ser meu maior incentivador durante a realização deste trabalho, a minha orientadora Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga pela dedicação aos Tutores do Curso em especial a Maria José Boaventura pelo carinho e atenção durante o curso colegas e a todos que me auxiliaram na execução desse trabalho.

Muito obrigada!

“Toda criança é um artista. O problema é o como
manter-se artista depois de crescido.”
Pablo Picasso.

RESUMO

Dentre as Artes Visuais, a escultura e modelagem passaram por intensas modificações ganhando destaque a interação da escultura com o público dentro do conceito de objeto. São diversos os materiais que podem ser trabalhados em modelagem, argila, massinha, cera, gesso e outros. A argila, por exemplo, é um material versátil, de baixo custo e alta possibilidade de criação. Esse trabalho objetivou introduzir a modelagem por meio de um material de baixo custo o qual poderia ser aprofundado pelo público da escola. Nossos resultados demonstraram que a argila é um material de bom desempenho e que, permite a replicação da experiência em outras unidades educacionais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais, Modelagem em argila.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 01 – Artista plástica Adel Souki..... | 16 |
| Figura 02 – Vista da Exposição Obra <i>Mil Moradas e Uma</i> | 16 |
| Figura 03 – Uma das casas da Obra <i>Mil Moradas e Uma</i> | 17 |
| Figura 04 – Queima das peças da Obra <i>Mil Moradas e Uma</i> | 17 |
| Figura 05 – Santos Enrolados..... | 17 |
| Figura 06 – Construções para o deserto..... | 18 |
| Figura 07 – Apresentação teórica o que é argila..... | 20 |
| Figura 08 – Apresentação teórica da oficina..... | 20 |
| Figura 09 – Arte cerâmica Marajoara..... | 21 |
| Figura 10 – Cerâmicas artesanais de Cuiabá..... | 21 |
| Figura 11 – Bonecas de barro do Vale do Jequitinhonha..... | 21 |
| Figura 12 – Apresentação das obras da artista Adel Souki..... | 22 |
| Figura 13 – Primeiro contanto dos alunos com a argila..... | 23 |
| Figura 14 – Vista geral da sala de aula..... | 23 |
| Figura 15 – Obras finalizadas..... | 27 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 | 11 |
| 1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 11 |
| 1.1 Histórico do ensino de Arte no Brasil | 11 |
| 1.2 Escultura e Modelagem..... | 14 |
| 1.3 Adel Souki | 15 |
| CAPÍTULO 2 | 19 |
| 2.1 A Escola | 19 |
| 2.2 Metodologia..... | 19 |
| 2.2.1 <i>Abordagem teórica</i> | 20 |
| 2.2.2 <i>Trabalho prático</i> | 22 |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| 3 RESULTADOS | 24 |
| 3.1 Análise dos trabalhos | 24 |
| CAPÍTULO 4 | 30 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| REFERÊNCIAS | 31 |
| ANEXOS | 32 |

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da arte no contexto educacional no Brasil acompanhou os avanços e retrocessos vividos pela sociedade ao longo da construção do país. A ordem dos jesuítas e a vinda da corte portuguesa para o Brasil foram fatos importantes para o desenvolvimento inicial das artes no país; os períodos ditatoriais, no entanto, representaram momentos de paralisia desse desenvolvimento. Inicialmente, a Arte era entendida como uma atividade técnica que funcionava como meio para o desenvolvimento de outras ciências.

Com o amadurecer da área, a Arte passa a ser enxergada como um conhecimento próprio, capaz de promover o desenvolvimento do raciocínio e a capacidade crítica do indivíduo, buscando promover o pensamento crítico e o desenvolvimento integral do ser humano. O ensino de Artes passa, dessa forma, a integrar a compreensão do espaço, bem como a leitura social do mundo à volta do ser humano.

A partir desse desenvolvimento constrói-se o conceito de abordagem triangular, uma visão sistemática do Ensino de Artes com conhecimentos específicos, individualizados e cumulativos.

Para o desenvolvimento da Arte nas escolas, alguns materiais são mais fáceis de serem obtidos e possuem um alto valor de trabalho. Por isso, o presente trabalho buscou introduzir a modelagem e a criação de esculturas a partir de argila, um material versátil, de fácil acesso e interessante para os estudantes de ensinos iniciais.

A metodologia utilizada na pesquisa foi contendo a exposição de aula teórica para contextualização do assunto e a prática de oficina de modelagem em argila. A prática passou pela manipulação do material e construção das esculturas, secagem do material à sombra e análise dos trabalhos junto aos estudantes.

A estrutura do texto adotada para a exposição do trabalho contém um primeiro capítulo (Capítulo 1) que contempla um breve histórico do ensino de Artes no Brasil, a arte em escultura e modelagem e um resumo sobre a artista inspiradora da presente monografia, Adel Souki. O Capítulo 2 aborda a contextualização sobre a escola onde foi aplicada a oficina e a metodologia empregada. O Capítulo 3 trata dos resultados da oficina e o Capítulo 4 contém as considerações finais.

CAPÍTULO 1

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Histórico do ensino de Arte no Brasil

O ensino de Artes no Brasil é marcado por vários períodos. Inicia-se com a chegada dos jesuítas ao país, no período colonial, os quais desenvolveram o primeiro sistema formal de ensino. As atividades reflexivas, literárias e artes liberais, eram valorizadas em detrimento do trabalho manual, que era considerado atividade de menor valor, própria dos escravos.

As classes mais pobres que não tinham acesso ao sistema formal, excludente, que priorizava a elite, também desenvolviam seus próprios processos educativos. Esses trabalhos ocorriam em grupos de artesãos denominadas por alguns de “escola de artífices” e também nos quilombos.

Em 1759, Portugal expulsou a ordem dos jesuítas do território brasileiro. O sistema de ensino desenvolvido pelos jesuítas foi então substituído por um conjunto de disciplinas determinadas pelo Império (GOUTHIER, 2008).

A vinda da coroa portuguesa para o Brasil, seguida da Missão Francesa, trouxe mudanças bastante profundas no desenvolvimento das Artes do país. O Barroco brasileiro foi substituído pelo Neoclassicismo (GOUTHIER, 2008).

Em 1816, Joachim Lebreton liderou um grupo de artistas para desenvolver um ensino de ofícios artísticos e mecânicos e criar a “Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios”, que passou a ser chamada de Academia Imperial de Belas Artes. Nesse desenvolvimento histórico, os ensinamentos da escola se afastam da concepção artística popular adotando um caráter burguês e exercícios formais árdus. Na tentativa de se reaproximar da educação popular, em 1856 é criado o Liceu de Artes e Ofícios de Bethencourt da Silva (GOUTHIER, 2008).

Os cursos superiores de ensino de Artes surgiram antes do ensino nos níveis primários e secundários. O ensino de Artes até o final do século XIX se

resumia ao ensino de desenho, baseado em uma linguagem técnica e da ciência. Rui Barbosa foi um dos maiores responsáveis pela implantação da Arte como disciplina nas escolas primárias e secundárias (GOUTHIER, 2008).

Com a instalação da República, o ensino do desenho se fortaleceu também na educação popular. Na Academia de Belas-Artes também fortalece o pensamento liberal. Tais pensamentos chegam à escola primária e secundária, porém com uma forte concorrência com os pensamentos positivistas das raízes francesas ainda predominantes no país (GOUTHIER, 2008).

Em meados da segunda década do século XX, as crianças conquistam seu espaço como sujeitos capazes de desenvolver habilidades. Seus desenhos passam a ser valorizados e as crianças deixam de ser apenas um projeto de adulto. A concepção do desenho da criança é vista como um produto interno que reflete sua organização mental, porém como um desvio artístico, uma imperfeição formal e uma representação inadequada, mas auto-corrigível.

A partir dos anos 1920, a educação no Brasil passou por um período de reforma organizada em alguns estados como Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, então Distrito Federal. As reformas deram à escola caráter mais proativo na construção da sociedade. As mudanças no currículo visavam desenvolver nas crianças habilidades criativas e críticas. O compromisso com a qualidade é ressaltado. A reforma no Rio de Janeiro foi a mais proeminente, com preocupações com a reconstrução social, mas com contribuições práticas limitadas a novos métodos e técnicas.

Nesse período, se intensificou no país uma busca por esta expressão, como a Semana de Arte Moderna de 1922, a renovação na Escola Nacional de Belas Artes e outras ocorrências que representam essas mudanças de paradigma (GOUTHIER, 2008).

A Arte no ensino infantil ganha reconhecimento, passando essa ideia a ser discutida no meio acadêmico. No entanto, a interpretação da época condicionava a utilidade da Arte como meio para a aquisição do conhecimento em outras ciências. Seu valor próprio baseado na liberdade de expressão e criação como instrumento de desenvolvimento e realização foi esvaziado (GOUTHIER, 2008).

Contudo, algumas iniciativas divergiam dessa tese. Capacitando crianças e adolescentes em música, desenho, pintura, essa visão divergente entendia que o conceito de educação artística contemplava a expressão espontânea e livre com

exaltação dos elementos internos. Aqui, o ensino artístico valora a independência e o valor próprio da Arte, deixando de ser essa simples técnica para aprendizado de novos conhecimentos.

Na ditadura Vargas, declinou o desenvolvimento da educação artística. Desenho geométrico, pedagógico e cópias de estampas foram consolidados. As cúpulas diretivas excluía os reformadores. Entretanto, nesse período, um programa desenvolvido por Lúcio Costa busca reformar o ensino de desenho na escola secundária. Faz parte dos ideais de Lúcio Costa o despertar da observação, a análise e a precisão nos estudantes (BARBOSA, 2002 *apud* GOUTHIER, 2008).

Com o fim do Estado Novo, há o ressurgimento do ensino de Artes com viés liberal. Porém, as marcas do período ditatorial se faziam presentes exigindo um renascimento do processo que fora interrompido anteriormente (GOUTHIER, 2008).

A consolidação democrática que ocorre entre o fim da década de 50 e início de 60 dá autonomia à educação. Arte e cultura vivem exuberante efervescência. O mundo como um todo passava por importantes transformações. No Brasil, os diferentes movimentos buscavam a inclusão das classes historicamente marginalizadas. O Golpe de 64 frustra, entretanto, essa tendência, cerceando esse movimento ascendente (GOUTHIER, 2008).

A partir dos anos 70, a educação passa a ter um viés tecnicista, profissionalizante, que visa levar as crianças à socialização, mas não à emancipação. O sistema objetivava criar uma sociedade disciplinada e culturalmente homogênea, necessitando de uma educação infantil que visa socializar a criança conforme os valores dominantes. Evidentemente, nesse contexto, o ensino de Artes passa a ser negligenciado, reduzido e esvaziado, pois conflita com os interesses impostos pelo regime (GOUTHIER, 2008).

Com os ares da redemocratização, o governo Figueiredo lança programa voltado à educação dos pobres em áreas rurais, favelas e periferias. O governo Sarney enxerga a necessidade de educação das massas por meio de ensino fundamental gratuito e obrigatório (GOUTHIER, 2008).

Em resposta ao descaso com que o ensino de Artes era tratado, intensos debates, congressos, seminários e manifestos se desenvolveram. O fortalecimento da área conseguiu alavancar o reconhecimento da sociedade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 garante à disciplina de Artes o status de área

de conhecimento. A reformulação formal alcança a materialidade das atividades desenvolvidas que passam a tentar construir conhecimentos na área.

Os avanços no campo da compreensão e ensino de Arte exigiu o entendimento do tema de forma mais complexa. Com isso, Ana Mae Barbosa desenvolveu o conceito de Abordagem Triangular. Essa concepção entende o ensino de Artes de maneira sistemática com diversos conteúdos específicos elaborados. Música, Artes Visuais, Teatro e Dança são exemplos desses eixos de conteúdo. A expressão artística é sempre resultado da percepção do artista a partir de suas imersões espirituais, sociais, políticas e culturais (GOUTHIER, 2008).

1.2. Escultura e modelagem

A escultura contempla os trabalhos artísticos tridimensionais que lidam com a matéria e sua relação com o espaço. No século XX, surgiram novas ideias, conceitos e formas de produção artística que refletiram e ampliaram o conceito de escultura, ganhando destaque o conceito de objeto (CRISTELLI, 2009).

A pura representação do objeto perde espaço para inserção dos próprios objetos do cotidiano no universo da arte. Esse uso transforma a forma de interpretação da arte, ganhando dimensão a ideia da funcionalidade, significado, usos e relações estabelecidas pela sociedade com os elementos que compõem a obra (CRISTELLI, 2009).

Diante dessa capacidade de relação da obra com o público, a qual abre a participação deste no processamento da Arte, os objetos ganham uma forte propriedade de questionamento e contestação dos valores da sociedade. Tais atributos são explorados em trabalhos internacionais e nacionais (CRISTELLI, 2009).

Um importante processo de inserção dos objetos na arte é o cubismo, que tem como um dos criadores o famoso pintor Pablo Picasso. Essa nova forma de expressão converge a pintura, a escultura e outras formas para um ponto comum, bem como reduz as diferenças nas formas de seus fazeres (CRISTELLI, 2009).

Desse processo inicial, chamado de transfiguração do objeto, desenvolve-se uma nova forma de escultura, a construção. Essa nada mais é que a montagem

de uma escultura por meio de várias partes, com fragmentos de objetos e misturas de materiais (CRISTELLI, 2009).

Essa versatilidade do objeto lhe confere multiplicidades de sentidos, formas, peculiaridades e capacidade de uso em várias formas de expressão lhe dotando de enorme riqueza. Com isso, há a revolução profunda da escultura e da pintura, perdendo inclusive essa a predominância em relação àquela. Para alguns, a definição de objeto o tem como forma híbrida resultante da fusão dessas duas – pintura e escultura (CRISTELLI, 2009).

As Artes Plásticas acabam por exigir a existência física dos objetos. A mortalidade do ser humano pode ser fator que exige a necessidade de afirmação e demarcação de sua existência, que se materializa nos objetos (CRISTELLI, 2009).

A presença, a intervenção, a articulação dos espaços e a intromissão feita pelos artistas, bem como as ausências dessas, tudo constitui a expressão e tem um significado. Nas expressões minimalistas, a ausência intencional de traços de expressão, o aparente esvaziamento de sentidos, a menor intervenção que manifestam a presença humana, dá expressão ao objeto de arte (CRISTELLI, 2009).

A diversidade de materiais de uso possíveis no desenvolvimento das esculturas é muito extenso. Argila, madeira, cera, bronze, mármore e etc. Argila, por exemplo, é um material extremamente versátil, de fácil manipulação, abundante e acessível. Por esses motivos, a modelagem em argila foi escolhida como tema desse trabalho.

1.3. Adel Souki

Adel Souki é uma artista plástica, nascida em Divinópolis, Minas Gerais, com formação acadêmica na Escola Guignard. Tem variados trabalhos no campo de escultura e modelagem, envolvendo cerâmica.

A versatilidade do trabalho da artista com argila, realizado com crianças carentes, serviu de inspiração para a produção do presente estudo. A metodologia utilizada pela artista permitia às crianças grande expressividade por meio de uso de materiais de baixo custo.



Figura 1: Artista plástica Adel Souki
Fonte: http://adelsouki.com.br/files/gimngs/1_adelsoukiretrato3.jpg

Um dos trabalhos de Souki de grande expressão foi realizado com seus alunos intitulado *Mil Moradas e Uma* onde a proposta era que os estudantes recriassem, por meio da técnica de modelagem em argila, o ambiente de suas casas.

O trabalho realizado pelos alunos de Souki foi apresentado em uma exposição entre os dias 25 e 30 de agosto de 2009, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte/Minas Gerais, onde todos puderam ver e sentir quais eram as emoções e anseios daqueles alunos. Esta exposição da artista plástica foi fonte de inspiração para muitas pessoas. Foi possível observar que, com poucos recursos, é uma boa ideia para realizar trabalhos de grande importância para a sociedade.

Nas figuras 2,3 e 4 é possível visualizar parte da obra *Mil Moradas e Uma* da artista Adel Souki na exposição realizada no Palácio das Artes.



Figura 2: Vista da Exposição Obra *Mil Moradas e Uma*
Fonte: http://adelsouki.com.br/files/gimngs/40_dsc03716resize.jpg



Figura 3: Uma das casas da Obra *Mil Moradas e Uma*

Fonte: http://adelsouki.com.br/files/gimgs/40_foto-miguel-aun-1.jpg



Figura 4: Queima das peças da Obra *Mil Moradas e Uma*

Fonte: http://adelsouki.com.br/files/gimgs/40_imagem11.jpg

A artista tem vasto repertório de arte em cerâmica, tais como mostrado nas figuras abaixo, respectivamente: "*Santos Enrolados*"(figura 5) e "*Construções para o deserto*"(figura 6).



Figura 5: "*Santos Enrolados*"

Fonte: <http://adelsouki.com.br/index.php?/2007/--santos-enrolados/>



Figura 6: "*Construções para o deserto*".

Fonte: <http://adelsouki.com.br/index.php?/1999/--construções-para-o-deserto/>

CAPITULO 2

2.1 A Escola

A Escola escolhida para a realização do presente trabalho foi a Escola Estadual “Macionília Montijo” localizada à Rua Alzira Torres, nº 498, Bairro Lava-Pés, em Bambuí, Minas Gerais. A Escola está situada em uma região carente na qual a maioria do seu público é oriundo de classes sociais menos abastadas.

A Escola Estadual “Macionília Montijo” oferece, atualmente, o Ensino Fundamental– Ciclo da Alfabetização, dividido em: 1º ano, 2º ano, 3º ano, e Ciclo Complementar– 4º ano e 5º ano do Ensino Fundamental, além do Projeto Aluno de Tempo Integral. Estão matriculados na escola, cerca de 100 alunos. No campo da Arte são realizadas oficinas de Dança, Teatro e Artes Visuais. Complementam essas atividades Esporte e Lazer, Meio Ambiente e Alfabetização e Letramento.

O público alvo desse trabalho foram os alunos do 3º ano do ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental. Esses alunos estão situados entre a faixa etária de oito a nove anos, sendo quatro (4) meninos e onze (11) meninas. A classe social na qual se enquadra os estudantes é de baixa renda. A maioria residente no bairro da escola. A escolaridade dos pais, em sua maioria, é básica, sendo que a maioria não concluiu o ensino médio.

2.2 Metodologia

Foi desenvolvida na Escola Macionília Montijo, com estudantes dos anos iniciais, uma oficina de escultura e modelagem. O material utilizado foi à argila e o tema de produção do trabalho foi a produção de objetos que tinham relação com o cotidiano dos estudantes, mediante orientação do professor, tendo por base as ilustrações trazidas pelos trabalhos inspiradores apresentados na aula teórica.

Foi adotada como estratégia a seguinte sequência de processos:

- i. Abordagem teórica sobre os entendimentos e percepções do que é escultura e modelagem e;
- ii. Execução prática da oficina de modelagem.

2.2.1 Abordagem teórica

Na abordagem inicial sobre o tema com os estudantes foi feita uma pequena reflexão sobre o que eles entendem por escultura, objeto de arte, modelagem em material de argila e outros. Nas figuras 7 e 8 podemos observar os alunos no primeiro dia de oficina acompanhando as aulas teóricas.



Figura 7: Apresentação Teórica o que é argila.



Figura 8: Apresentação de teórica da oficina.

A comunicação com os estudantes foi feita de maneira a simplificar a linguagem e a possibilidade de visualização, através de imagens e modelos simples de objetos de produção artesanal, tais como se observa nas figuras 9 (Arte em cerâmica Marajoara), 10 (Cerâmicas artesanais de Cuiabá) e 11 (Bonecas de barro do Vale do Jequitinhonha).



Figura 9: Arte cerâmica Marajoara

Fonte: <http://brazilianartcraft.blogspot.com.br/2013/09/a-arte-ceramica-marajoara-decoracao.html>.



Figura 10: Cerâmicas artesanais de Cuiabá.

Fonte: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/04/cultura-tradicional-e-riquezas-de-cuiaba-sao-retratadas-em-artesanatos.html>.



Figura11: Bonecas de barro do Vale do Jequitinhonha.

Fonte: <http://aconteceunovale.com.br/portal/?p=30998>

Buscando sempre utilizar palavras do cotidiano dos estudantes, de forma a incentivá-los à participação e ao despertar da atenção para o tema, objetivou-se familiarizar os estudantes com as diferentes possibilidades de produção de esculturas e objetos.

Alguns trabalhos de referência foram apresentados para ilustrar e aguçar a criatividade e o interesse dos estudantes, como os de Adel Souki. (Figura 12).



Figura 12: Apresentação das obras da artista Adel Souki.¹

Contudo, por se tratar de anos iniciais, a abordagem teórica foi bastante sucinta e simples, restringindo-se à exibição de fotos, dando maior importância à prática para desenvolvimento lúdico dos estudantes.

2.2.2 Trabalho prático

As etapas de produção das peças seguem o seguinte ordenamento: coleta da argila; hidratação da argila; modelagem da massa e secagem à sombra.

A argila foi conseguida em área rural nas proximidades da comunidade de Abacaxis, uma pequena aglomeração da cidade de Bambuí, à margem esquerda do quilômetro 418, da BR-354, sentido Bambuí-Iguatama. A coleta foi feita em uma fazenda, próximo a um curso de água (córrego), onde normalmente se encontra

¹ As figuras de 7,8, 12, 13, 14 e 15 são de autoria da aluna Carla Cristina da Silva e pertencem a seu acervo pessoal.

argila em maior abundância. Não houve custos com o material, senão os gastos de deslocamento. Devido à realização da coleta ocorrer fora da escola os estudantes não puderam participar da mesma, em função de transporte.

A hidratação da argila foi feita em sala de aula onde se deu as explicações sobre a quantidade de água utilizada e a necessidade de tempo para o preenchimento dos espaços porosos pela água. Para maior agilizada no momento da aula, massa de argila foi previamente hidratada, sendo esse o material utilizado na moldura realizada pelas crianças.

O início do trabalho prático se deu com a apresentação e explicações sobre os materiais disponíveis e necessários para a produção dos objetos. A argila e os demais materiais passaram a ser manipulados com a expressão e criação de esculturas. Buscou-se fazer da experiência uma oportunidade desafiadora e inovadora. A manutenção da motivação é um ponto importante para o processo de aprendizagem, em especial no campo das Artes. No segundo dia de oficina os estudantes tiveram o seu primeiro contato com a argila com pode ser observado nas figuras 13 e 14.



Figura 13: Primeiro contato dos estudantes com a argila.



Figura 14: Vista geral da sala de aula.

Como valorização da atividade, a experimentação e a dinâmica dos processos de aprendizagem foram intensamente preservados. Assim, os alunos

tiveram grande possibilidade de criação a partir de liberdade, orientada e inspirada, de escolha dos temas a serem abordados e na compreensão do desenvolvimento da atividade.

Um ponto de atenção elaborado durante a condução das atividades foia percepção da necessidade de deixar os estudantes trazerem suas próprias realidades e interpretações, sempre a partir da provocação do educador conforme intenções previamente planejadas. Assim, foi desenvolvida a atenção, buscando ouvir, de fato, as crianças deixando-as à vontade para colocar suas ideias e o que de fato é importante para cada uma delas. Buscou-se adotar a metodologia do professor mediador.

Uma observação cuidadosa das crianças permitiu decifrar melhor a emoção e a interioridade das crianças, possibilitando uma compreensão abrangente de sua aprendizagem e desenvolvimento na atividade. Gestos e expressões foram valorizados, permitindo tomadas de decisão para a condução da atividade.

Durante o desenvolvimento, foram discutidas as experiências de manipulação do material, as sensações experimentadas, a flexibilidade do material, a multiplicidade de formas e as infinitas possibilidades de representação. Discutiu-se também sobre as expectativas e o que cada aluno gostaria de representar.

Além dos questionamentos abertos, um questionário avaliativo simples, porém com valor de monitoramento, também foi aplicado, a fim de amostrar as percepções dos estudantes acerca da oficina. O questionário continha as seguintes perguntas:

1. Você já tinha feito algum trabalho com argila antes?
SIM () NÃO ()
2. Você gostou da Oficina de escultura e Modelagem em argila?
SIM () NÃO ()
3. Você teve dificuldade de trabalhar com a argila?
SIM () NÃO ()
4. Você teve alguma dificuldade em decidir sobre o que fazer?
SIM () NÃO ()
5. Você gostaria que fosse realizada outra Oficina de escultura e Modelagem em argila?
SIM () NÃO ()
6. Quais outros objetos você gostaria de fazer?

Dentre os principais benefícios do ensino de Artes, destaca-se o desenvolvimento do processamento das habilidades humanas como um todo de forma integral. Outra possibilidade interessante no ensino de Artes é a elaboração da afetividade, da emoção e da sensibilidade. Por meio do trabalho artístico o estudante desenvolve melhor compreensão de si mesmo. A partir dessa apropriação o estudante se capacita em novos níveis das habilidades. Os desafios direcionados aos estudantes também buscavam contemplar e instigá-los a essas habilidades (PILLOTTO; STAMM, 2011).

Os objetos foram secos à sombra por 48 horas, onde foi possível a perda de umidade das peças. Normalmente, utiliza-se a queima das peças em forno, o que garante maior durabilidade às mesmas, no entanto, como explicaremos adiante, não foi possível fazer essa etapa do processo. Assim, optou-se pela secagem à sombra.

Adquiridos os objetos finais, todos os trabalhos foram reunidos e expostos para a discussão entre os estudantes. A partir dessa experiência, os estudantes puderam visualizar a expressão dos colegas em seus trabalhos e também a percepção dos colegas sobre si próprios (Figura 15).

Todo o processo desenvolvido foi registrado por meio de fotografias para enriquecer as discussões, ocorridas posteriormente, e poder oferecer mais um ângulo de visão sobre o processo.

CAPÍTULO 3

3. RESULTADOS

3.1. Análise dos trabalhos

A abordagem avaliativa como mecanismo de medição da capacidade não é adequada a anos iniciais, ainda mais no contexto de Artes, que tem conceitos estabelecidos na individualidade e subjetividade. Assim, a avaliação das atividades propostas teve o intuito de funcionar como instrumento de aprendizagem. Tentou-se desenvolver a percepção dos estudantes sobre a possibilidade de expressão de sua criatividade e pensamentos, por meio da argila.

O processo de avaliação por meio de registros é muito interessante para que as crianças possam compreender suas próprias mudanças. Assim, as crianças podem ainda se reconhecer como capazes de identificar, no processo artístico, uma possibilidade de autoconhecimento e desenvolvimento. As imagens fotográficas produzidas foram utilizadas para criar uma retrospectiva da oficina. Assim, abriu-se a possibilidade de resgatar o processo e eventuais aprendizados que pudessem estar esquecidos. A socialização do aprendizado foi priorizada, visando alcançar maiores ganhos do que aprendizados individuais.

O retorno e a resposta dos estudantes em relação às atividades possibilitaram uma avaliação da oficina, os aprendizados deixados às crianças e o cumprimento dos objetivos. Para obtenção desses resultados, os estudantes foram questionados sobre suas leituras, percepções e experiências durante as oficinas. O foco desses questionamentos e discussões foi a percepção dos seus próprios trabalhos e dos trabalhos de outros colegas.

Durante a avaliação dos trabalhos, os estudantes discutiram sobre o que motivou os mesmos na produção daquelas peças, quais as dificuldades que encontram no processo criativo e como foi a experiência vivenciada. Tanto os objetos produzidos durante a oficina (utensílios do cotidiano – panelas, jarras –, expressões da natureza – vulcão, flor – e gêneros alimentícios comuns – biscoitos, cachorro-quente – e bonecos) quanto os que os estudantes desejariam produzir

(estrela, casinha, bonecos, panelinhas, animais – galinha da angola – pirata, navio, caminhão, Papai Noel.) são bastante diversos e possuem correlação com o dia-a-dia delas (Figura 15). Mesmo no caso do vulcão, fenômeno não encontrado no Brasil, percebe-se a relação com o cotidiano quando o estudante narra ter assistido uma reportagem sobre vulcões, daí o seu interesse em representá-lo. Também se destaca a casinha que um estudante descreveu ter a intenção de representar, guardando relação com as imagens inspiradoras do trabalho de Adel Souki apresentado no início da aula.



Figura 15: Obras finalizadas

Dois estudantes, no entanto, narraram ter encontrado dificuldade de trabalhar com o material (pergunta 3). As dificuldades de execução estavam relacionadas às técnicas empregadas de manipulação que são requeridas para se produzir bons objetos. Entendeu-se que essas dificuldades podem ser superadas com a prática da atividade para aprimoramento da técnica. Essas dificuldades também estão relacionadas com a habilidade e interesse da criança em lidar com o tema de Arte. Entendeu-se que essas dificuldades devem ser trabalhadas com as crianças, visando aprimorar o interesse e potencial das mesmas na elaboração e criação das artes.

Quatro estudantes declararam ter tido dificuldade na decisão e imaginação do objeto (pergunta 4). Durante o desenvolvimento da prática podia-se perceber que o ponto de maior dificuldade se relacionava à criação e imaginação do objeto e à produção dos detalhes da escultura. Essa dificuldade dos estudantes pode estar relacionada aos hábitos escolares e culturais de pouco desenvolvimento da capacidade questionadora e criativa. Tais dificuldades podem requerer maior estímulo no desenvolvimento das atividades.

No entanto, apesar dessas dificuldades, foi unânime a aprovação dos estudantes quanto à participação na oficina de escultura e modelagem (pergunta 2). Todas as crianças declararam desejo de voltar a trabalhar com o material (pergunta 5). A percepção da oficina corrobora esses fatos, pois três estudantes questionaram onde poderiam encontrar o material para que pudessem desenvolver novas esculturas.

Entendeu-se que essas narrativas feitas pelos estudantes devem-se ao fato deles terem enxergado na experiência uma oportunidade de construir objetos de arte, eles mesmos, e de praticar as teorias desenvolvidas na disciplina de Artes. Ao longo das atividades, as crianças se encontraram muito interessadas, envolvidas e ativas. Essa possibilidade de criação conferiu à oficina um caráter envolvente.

Ao serem questionados sobre o fato de terem feito anteriormente algum trabalho com argila (pergunta 1), dos quinze estudantes, quatro mencionaram o fato de já terem tido uma experiência anterior, em atividades lúdicas, tais como brincadeiras com outras crianças, em família, demonstrando que o material está acessível em outras esferas.

Foi unânime a aprovação dos estudantes quanto à participação na oficina de escultura e modelagem (pergunta 2). Todos a descreveram como inovadora e diferente. Houve mesmo quem tenha afirmado (quatro estudantes) ter sido a melhor atividade desenvolvida na disciplina de Artes.

Inicialmente, o planejamento passava pela secagem dos objetivos, bem como por eles serem queimados em forno. No entanto, os espaços físicos limitados da escola não permitiram a execução dessa etapa, pois poderiam expor os estudantes a riscos físicos, tais como queimaduras.

Após secos à sombra por 48 horas (Figura 15), os objetos foram avaliados pelos estudantes. Algumas esculturas se encontravam quebradas. Discutimos então as razões que levaram às peças a quebrar e quais os cuidados que devem ser tomados durante a manipulação e construção dos objetos que evitariam a ruptura das peças. A secagem lenta favorece a formação de boas peças. Um local sem ventos também permitiria uma secagem mais lenta. Um melhor conhecimento sobre o local da execução da experiência nos permitiria melhores resultados. Cobrir as peças com filme plástico poderia retardar a perda de água das peças, levando-nos a melhores resultados com peças sem rachaduras. As imagens fotografadas durante a produção das peças foram especialmente úteis nesse

momento da discussão para que os estudantes conseguissem enxergar a evolução do processo de produção das peças.

Dentre os objetos produzidos, o vulcão foi o que não teve nenhuma rachadura após a secagem. Fizemos então discussões tomando esse objeto como modelo para que pudéssemos fixar a necessidade dos estudantes compreenderem cada etapa da produção.

Dos objetos produzidos, o que mais chamou a atenção das crianças foi o boneco de neve. Os detalhes do objeto eram ricos e os estudantes demonstraram um maior vislumbamento por esse objeto. Mesmo o público externo à oficina (demais servidores da escola) se mostraram entusiasmados com a criação.

Nesse ponto, pode-se então perceber que alguns estudantes têm maior domínio ou mais intimidade com as atividades artísticas. Por outro lado, alguns estudantes demonstraram certa dificuldade, como já foi dito, em especial, em elaborar uma ideia de qual objeto produzir. O professor deve estar sempre atento a essas particularidades e buscar oferecer a cada estudante as instruções e atenção necessárias.

Porém, a evolução das aulas demonstrou que as crianças compreenderam que a criação artística é um processo feito de fases e depende de uma série de intervenções técnicas e elaborativas para que possa dar um resultado eficiente. A compreensão de que a produção é dependente de um processo criativo é fundamental de ser reconhecida. Essa ideia foi especialmente trabalhada com as crianças a fim de induzir nas mesmas a busca pelo autoconhecimento e a reflexão sobre o mundo que os cerca.

A percepção da escola sobre a oficina foi bastante positiva. Servidores de funções administrativas tomaram conhecimento da oficina, foram até o espaço e viram o processo como bastante interessante. Estudantes de outras turmas que não faziam parte do público-alvo da experiência a solicitaram constantemente. Uma mãe de um estudante pediu informações sobre o material (argila) para criação de objetos para uma feira de ciências que iria ocorrer em outra unidade educacional (Escola Estadual José Alzamora).

CAPÍTULO 4

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de Ensino de Artes nos anos iniciais pode promover um valioso aprendizado às crianças, que as levará ao desenvolvimento do raciocínio e análise crítica bastante aguçada, produzindo ganhos para toda a vida. A experiência realizada demonstrou que as crianças são seres especialmente curiosos e com alta capacidade de interação com novos desafios. Canalizar essas habilidades para o desenvolvimento das crianças é o verdadeiro desafio do professor.

A prática de modelagem com argila mostrou-se extremamente eficiente no despertar das crianças para uma nova forma de interação na escola. A argila é um material flexível e versátil, que permite a criação de vários objetos. O custo baixo desse material permite que oficinas possam ser realizadas no âmbito de escolas públicas sem depender de recursos; além disso, as próprias crianças podem obter o material para praticar em outros ambientes. Projetos culturais fora da escola também podem ser desenvolvidos com baixo dispêndio de recursos e ótimas possibilidades de criação.

A experiência nos deixou uma vivência muito marcante. Percebe-se a necessidade da adoção de práticas interativas em Artes Visuais, pois são capazes de proporcionar grande motivação nas crianças. No entanto, vale constatar a necessidade de adequação dos espaços da escola para o desenvolvimento exitoso da proposta no seu dia-a-dia. Um espaço adequado para as aulas de Arte com disposição de móveis adequada e lavabo para limpeza das mãos é bastante útil. Ainda nesse aspecto destaca-se a impossibilidade de construção do forno por não haver ambiente isolado dentro da escola.

Ainda que essas sejam demandas que dependem de recursos o que é sempre disputado e escasso na esfera da Educação Pública, a criatividade e a iniciativa dos gestores escolares podem ser cruciais para a viabilização das sugestões aqui apresentada e viabilização da experiência na prática escolar.

REFERÊNCIAS

CRISTELLI, João. Escultura e Modelagem. In: Pimentel, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de especialização em ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Artes da UFMG, 2009.

GOUTHIER, Juliana. História do ensino da arte no Brasil. In: Pimentel, Lúcia Gouvêa (Org.). **Curso de especialização em ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Artes da UFMG, 2008.

PILLOTTO, S. S. D.; STAMM, E. **Fundamentos e metodologias do ensino de arte**. Curitiba, Editora Fael, 2011, 104 p.: il.

ANEXOS

Carta de autorização I

Na condição de Diretora da Escola Estadual “Macionília Montijo”, situada Rua Alzira Torres, nº 498, Bairro Lava-Pés, cidade de Bambuí, Minas Gerais, autorizo a professora de Cultura e Arte Teatro, Carla Cristina da Silva a realizar junto aos alunos do Projeto de tempo Integral, do ano de 2015, seu projeto de pesquisa, como aluna do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Carta de autorização II

Prezados Pais ou Responsáveis,

Solicito autorização para que o menor -----
-----, participe das atividades projeto A
importância do Ensino de Artes Visuais na Escola Estadual “Macionília Montijo”, e
possa ter sua imagem, bem como de suas atividades, veiculadas no trabalho de
pesquisa da aluna Carla Cristina da Silva, do Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Atenciosamente,

Professora: Carla Cristina da Silva

Assinatura dos Pais ou Responsáveis